

**LIBRO DE LA VIDA DE TERESA DE JESUS:  
A AUTOBIOGRAFIA COMO MANIFESTAÇÃO LITERÁRIA FEMININA**

*Dulce Pansera Espindola<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho examina a autobiografia de Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, alicerçada principalmente nas teorias de gênero, na história e na literatura. Objetiva-se demarcar a posição da autobiografia feminina dentro do cânone literário, assim como registrar a importância desse tipo de produção como uma das formas de as mulheres estabelecerem sua incorporação à literatura e à história sem que precisassem promover um abalo na chamada grande literatura, produzida por homens, uma vez que se situam à margem do cânone oficial. *Libro de la Vida* surgiu a partir da necessidade de a Igreja Católica controlar os êxtases místicos experimentados por Teresa de Jesus, visto que só a confissão oral já não dava conta de tranquilizar seus confessores. A obra analisada trata, então, do relato da história de vida de Teresa de Jesus, com ênfase aos detalhes descritivos de seus transe místicos e aos ensinamentos espirituais inovadores que ela defende, como a oração mental.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Gênero. História. Mulher. Literatura. Teresa de Jesus.

**1 INTRODUÇÃO: A AUTOBIOGRAFIA TERESIANA, UMA TECITURA DE VOZES.**

É instigante a possibilidade remota de que uma mulher, nascida na Espanha, em 1515, religiosa de origem judaica, saúde sempre debilitada e que causava temor a instituições da época, principalmente à Igreja Católica, tenha conseguido ultrapassar tão sólidos obstáculos – como as muralhas de Ávila – e exercer o poder para o qual tinha competência e direito.

Diante disso, a partir de um gênero literário historicamente considerado secundário, a autobiografia, como pôde a espanhola de Ávila, Teresa de Jesus, sujeito feminino do século XVI, transgredir a asfixia imposta pelo confinamento histórico a que estava submetida, encerrada no mundo fechado do convento?

O propósito principal deste trabalho é o de focalizar a obra *Libro de la Vida*<sup>2</sup>, de Teresa de Jesus, à luz de teorias de gênero, tendo como enfoque metodológico o gênero literário, autobiografia. Considera-se a abordagem oportuna porque se crê que este tipo de investigação torna visível a história de sujeitos femininos muitas vezes à margem da História.

Revisitando o gênero autobiográfico, que é até hoje utilizado como suporte para a escritura feminina, pretende-se, através do *Libro de la Vida*, de Teresa de Jesus, estudar a autobiografia como recurso para romper o silenciamento a que as mulheres em geral estavam sujeitas. Mesmo sabendo que não havia, inicialmente, nenhum objetivo em divulgar o conteúdo do escritos da mística, pode-se dizer que a escrita já era uma forma de romper tal silêncio.

Outros objetivos acompanham este estudo da obra autobiográfica de Teresa de Jesus: cultiva-se a expectativa de poder intensificar a investigação que vem sendo feita, no sentido de preencher o espaço da mulher na literatura e, também, de colaborar com o movimento que começou nos anos 80, através dos núcleos de estudo da mulher e de gênero, formados em muitas universidades brasileiras, permitindo o diálogo entre as mais diversas disciplinas: História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Literatura.

A opção por abordar um tema relacionado a uma parcela da população considerada minoria, não pelo número, mas por sofrer um processo de exclusão e conseqüente marginalização, deu-se pela relevância, não somente acadêmica, mas, principalmente social. Por estar a sociedade brasileira profundamente marcada por contradições, a relevância do aspecto social na delimitação do tema da pesquisa foi fundamental.

Hoje a mulher já consegue emergir do silêncio, escrevendo cartas, diários, contos, romances e histórias do cotidiano banal, produzindo um material que constitui variadas modalidades de testemunho. Entretanto, parece que, embora exista de forma abundante e há muito tempo, a escritura feminina ainda não foi mostrada e discutida de modo suficiente.

Mesmo tendo vivido numa época em que a voz e a ação das mulheres conheciam limitações enormes – como a educação repressora, a sociedade que só valorizava os feitos masculinos, a Igreja que desconfiava das mulheres e as perseguia – Teresa de Jesus soube, por suas ações, romper essas barreiras e mostrar seus desejos aos contemporâneos, dela mesma, e aos nossos. Alguns poderiam perguntar-se por que Teresa de Jesus seria importante para as pessoas de nosso tempo, particularmente para os brasileiros, que não participaram daquela realidade.

Sabe-se que os resquícios do passado perduram no presente. O legado cultural, fruto da colonização por um povo europeu, profundamente marcado pela tradição cristã, não pode ser

negligenciado. As estruturas políticas, sociais e econômicas atuais têm suas raízes naquele passado. Certos comportamentos, hábitos e costumes só poderão ser compreendidos na sua totalidade e complexidade, quando mergulhados nas fontes de onde surgiram. A questão da condição feminina, hoje tão debatida, é disso um forte argumento.

De alguma maneira, ao investigar a história das mulheres, através da vida e da obra de Teresa de Jesus, colabora-se para a compreensão dos problemas atuais do sexo feminino. Sabe-se que a mulher vive hoje numa sociedade bastante diferente daquela que se propõe estudar. Contudo, se expressões como “liberação feminina”, “emancipação feminina” são continuamente discutidas, é porque a independência da mulher ainda não se realizou plenamente.

Teresa de Jesus viveu entre 1515-1582. Embora a misoginia não tenha sido criada pontualmente naquele momento, foi alimentada e reforçada na época. Uma das causas da misoginia medieval e atual é atribuída via restrições à mulher, impostas pelos padrões morais determinados pela Igreja, entre estes a Inquisição.

Ao realizar a análise do *Libro de la Vida*, autobiografia de Teresa de Jesus, está se investigando na direção do que se constitui um estudo de História de Vida. Essa foi a opção feita, porque, ainda que não seja o único modo de informação possível, permite o levantamento de pressuposições, feitas de maneira bastante realista.

Segundo Becker (1994, p. 111), a história de vida, por causa da “própria história” de seus atores, é uma mensagem viva e vibrante que vem de “lá”, que nos conta o que significa ser um tipo de pessoa que nunca encontramos face a face. [...] O autor autobiográfico se propõe a explicar sua vida para nós, comprometendo-se, assim com a manutenção de uma estreita conexão entre a história que conta e aquilo que uma investigação objetiva poderia descobrir. Entretanto, quando lemos uma autobiografia, estamos sempre conscientes de que o autor só nos está contando uma parte da história, que selecionou seu material de modo a apresentá-lo como o retrato de si, que preferiria que tivéssemos e que pode ter ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós.

Na obra *Refúgios de Eu*, de Mignot et al. (1996, p. 10), encontra-se importante sustentação teórica no que tange à delimitação e caracterização da obra autobiográfica. No prólogo, Viñao afirma não saber ao certo onde e como começou esse tipo de escritura, entretanto, o interesse por ela pode ter se difundido no campo da história social, junto com a história dos integrantes das classes chamadas subalternas.

A escritura autobiográfica, por trazer à tona pontos de vista diferentes dos já conhecidos e divulgados pela história social, permite que se contemple a realidade sob uma ótica

distinta da convencional, e esse recurso é que nos leva a buscar informações, ampliando o alcance da compreensão dos fatos históricos.

Seguindo as vertentes do livro *Refúgios do Eu*, agora com o texto intitulado “Lendo Vidas: a memória como escritura autobiográfica”, Lacerda (1999, p. 81) apresenta a seguinte caracterização: a narradora quase sempre afirma ser o dela um discurso fiel. Sabe-se que a narração está à mercê de subjetividades, das interpretações pessoais, das predisposições culturais e da censura que cada escritora viveu. Mesmo que muitos fatores venham a influenciar sua narração, a escritora escreve como se fosse mera espectadora, neutra.

É possível que Lejeune (1996, p. 14) tenha chegado muito próximo do conceito de autobiografia: “Narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando faz recair o acento sobre sua vida individual, particularmente sobre a história de sua personalidade”.

Concorda-se com Lopes (1997, p. 67), quando afirma:

O leitor biográfico tece e destece os fios desse sistema de relação que se chama o texto biográfico. Este nunca será totalmente lido ou delineado, há sempre algo que se esquia, um ponto escondido, uma cena aguardando um fundo de cena. Há, portanto, um labirinto: signos que remetem a outros signos, uma palavra pede a outra e, numa pluralidade de vozes não se pode estabelecer a origem nem o fim.

Em sua autobiografia, Teresa de Jesus autoretrata-se. Recorta momentos de sua vida e aglutina-os a uma narrativa na qual conta sua vida, o possível, o desejado... enfim, tudo o que silenciou nunca se saberá. Entretanto o que conseguiu dizer compara-se com algo que estilhaça a fronteira do mecânico, ultrapassa os limites do cotidiano e liga-se a nós pelas experiências de transformações por que passam os sujeitos através da história, seja na Idade Média ou hoje.

## 2 TERESA DE JESUS E SEU ENTORNO

Com relação ao tempo em que Teresa de Jesus viveu, declara Reynaud (2001, p. 18):

Em 1515, quando Teresa vem ao mundo, os reis católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, estão prestes a legar ao seu neto Carlos V, no ano seguinte, uma Espanha coberta de saber, de riquezas e de misérias, e dotada de um temível instrumento de poder a serviço da realeza católica: a Inquisição. No século de Ouro, a Espanha tem o rosto pálido e cruel do Grande Inquisidor. E verga ao peso de um mar de ouro e prata, fruto da conquista das Índias. Brande numa das mãos um

crucifixo e na outra uma espada ensangüentada, com toda ira de uma velha rainha enfurecida.

Nessa época aconteceu a conquista do reino muçulmano de Granada, através de uma guerra muito dura que começou com táticas medievais, mas que, com o apoio dos reis, se aperfeiçoou até a rendição de Granada em 1492.

Outro fato histórico que aparece em muitos livros de história da Espanha, como o maior feito de Isabel e Fernando foi a expansão atlântica, que teve como ponto culminante o descobrimento da América em 1492. Mais tarde os colonizares exploraram as riquezas minerais dos países colonizados, dizimando, muitas vezes, a população indígena que aí vivia.

Quando Reynaud (2001, p. 18) se refere a uma Espanha de saber, de misérias e riquezas, quer expressar, por meio dessa antítese, o clima antagônico que vivia aquele país. De um lado, as riquezas das grandes navegações, que poderiam favorecer o desenvolvimento cultural; e, de outro, o cristianismo, que o bloqueou com o movimento da Contra-Reforma.

A política religiosa dos Reis Católicos também sempre gerou profundas polêmicas. Por crenças pessoais e conveniências políticas, os reis buscavam a unidade religiosa do Estado. A diversidade religiosa revelava-se um grave problema; judeus eram mortos e não tinham sua fé respeitada. Muitos judeus, para livrar-se das perseguições, convertiam-se à fé cristã, porém, freqüentemente, os conversos eram acusados de praticar sua antiga crença em segredo e de cometer os mais terríveis crimes. Justamente para vigiar a pureza da fé cristã e sinceridade dos conversos, criou-se um tribunal religioso chamado de *Tribunal da Inquisição* ou *Santo Ofício*, que foi aprovado pelo Papa, mas que estava submetido às ordens dos reis, como instrumento político.

A Inquisição começou em Sevilha, em 1478, com uma dureza tão grande que muitas famílias fugiram da cidade. Depois se espalhou por toda a Espanha, com o mesmo cruel radicalismo. Segundo Roldan (1989, p. 55), “Durante o reinado dos Reis Católicos foram queimadas mais de 6.000 pessoas. Outras sofreram diversos castigos”.

Seguiram-se outras medidas tomadas pelos reis que, segundo seu ponto de vista, favoreciam à implementação da unidade religiosa. Uma, foi a expulsão dos judeus em 1492, e a outra, a perseguição aos muçulmanos espanhóis, obrigados a aceitar a religião católica ou também seriam expulsos.

Em seguida, tem-se um fragmento retirado da página 170 de *Libro de la Vida*, que afirma: “Quando recolheram muitos livros de romance, para que não fossem lidos, eu lamentei muito, porque alguns me entretinham, e eu já não podia lê-los, por deixarem os escritos em

latim.

Nesse recorte, faz-se referência ao Índice dos livros proibidos, publicados no ano de 1559, por ordem do Inquisidor Geral, Fernando de Valdés. Através desse decreto inquisitorial, qualquer livro que não fosse favorável ao desenvolvimento do catolicismo, de acordo com o ponto de vista dos inquisidores, deveria ser recolhido e queimado. Pelo testemunho de Teresa de Jesus, outra estratégia utilizada pela igreja para dificultar o acesso a leituras julgadas inconvenientes pelas autoridades católicas era não traduzi-las ao castelhano, pois poucos dominavam o latim já que tal língua praticamente só era ensinada aos filhos de altas autoridades e aos religiosos do sexo masculino.

A população em geral era analfabeta, principalmente as mulheres, como não dominavam nem sua língua materna, o latim ficava ainda mais inacessível.

Ao ler a obra *História das Mulheres no Ocidente*, principalmente o segundo e o terceiro volumes (são mil, trezentas e trinta páginas) pode-se recolher muitas informações sobre agressões sofridas pela mulher durante o período em que esteve em vigor o Santo Ofício.

A Inquisição, através do Papa Inocência XVIII, também concedeu plenos poderes aos autores do *Malleus Maleficarum* – Manual da Inquisição – para condenar à morte as mulheres “possuídas”, acusadas de praticar feitiçaria.

Pode-se perguntar, então, por que Teresa de Jesus foi parar justamente neste centro de poder e decisão, símbolo da hierarquia entre os sexos que é a Igreja Católica.

Na obra *História das Mulheres no Ocidente*, segundo as palavras de Woolf (apud DUBY PERROT, 1990, p. 498), “o lugar onde a mulher tem um aposento para si é a cela do convento”. E é exatamente aí e não em casa é que foi produzida no século XVI, uma cultura feminina diferente. Na obra *Las Conspiradoras*, Franco (1993, p. 12) afirma que o misticismo, no espaço conventual, foi aceito como uma forma de conhecimento para o qual estavam dotadas especialmente as mulheres.

### 3 A MULHER-ARANHA

Há um estágio em que se deseja justiça social, e, propõe Jane Flax. “Para se ter indivíduos capazes de desejar justiça, requer-se pessoas que necessitam conexões com outras. Tais pessoas se preocuparão quando o discurso se tornar muito monovocal, estável e unitário. Procurarão e pensarão sobre as diferenças” (FLAX apud MACHADO, 1998, p. 121). É

necessária a reflexão sobre as diferenças entre elas. Muitas dissimilaridades podem ser aclaradas, baseadas na questão do gênero.

Buscando uma definição no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 1441), observa-se que já no século XV encontra-se a palavra "gênero". Contudo, entre todos os significados listados não existe nenhuma alusão ao uso que as feministas, desde a década de 70, fazem do termo, como forma de referir-se à organização social da relação entre os sexos, passando o movimento a "ênfatisar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (SCOTT, 1996, p. 7).

No rápido mergulho que se nos apresenta possível realizar já se esclarece que a própria definição de feminismo não é simples. A palavra feminismo foi carregada de significados muitos variados e, às vezes contrapostos, que dificultam uma explicação concisa e clara do tema.

A história do movimento feminista foi, principalmente, e desde suas origens, o esforço das mulheres por conseguir usufruir dos mesmos direitos que os homens. Surgiu como movimento coletivo na Europa ocidental, a partir do século XVIII, entretanto, as tentativas da mulher por igualar-se socialmente ao homem existiram em todas as épocas, em maior ou em menor medida. As cidadãs romanas conquistavam uma posição costumeiramente masculina, quando se interessavam pela política e pelas leis. Mulheres andaluzas medievais combatiam com os homens, se desejassem.

Em diferentes épocas saem à luz as batalhadoras: as mulheres que lutam pela independência e pela liberdade em diferentes contextos: na Revolução Francesa, na Rússia Bolchevista, no movimento operário, na independência das colônias, etc. Em todos esses contextos a mulher atuou de maneira importante, não somente como acompanhante do homem, mãe de seus filhos, mas como soldada, política, manifestante.

Mary Wollstonecraft, escritora feminista inglesa, publicou em 1792 "Vindications for the rights of woman", considerado texto feminista básico. Ela reagiu de forma crítica aos pensamentos patriarcais de Rosseau, posicionando-se contrariamente às idéias defendidas por ele sobre a natureza débil e inferior das mulheres, associando-as à natureza e aos homens, à cultura. Rosseau, principal ideólogo da Revolução Francesa, propalava a idéia de que a mulher deveria ser educada a encontrar sua realização "natural" e colocar-se a serviço do homem. Veja-se:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se honrada e amada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância (ROUSSEAU apud MACHADO, 1998, p. 25).

O feminismo foi se desenvolvendo como movimento organizado de mulheres dispostas a combater sua particular situação de opressão e também como teoria que supõe uma revisão crítica das construções teóricas que falam sobre as mulheres manifestando que a tarefa destinada historicamente a elas não tem sua origem na natureza e, sim, na sociedade.

Outra luta feminina expressiva, indiscutivelmente, foi a do direito ao voto. Longa e árdua, exigiu grande habilidade de mobilização e, mereceria pelo menos um capítulo nos livros de história, porém, quando citada, isso é feito geralmente de forma pouco ou nada significativa.

Com o passar do tempo as mulheres perceberam que, ao conquistarem algumas de suas reivindicações, punham manifestas as outras desigualdades mais profundas e a complexidade do processo de subordinação da mulher. A partir destas inquietações o movimento ressurgiu mais forte e diversificou-se em várias correntes de pensamento e de ações práticas, como o liberalismo e o radicalismo, entre outros.

Camaleônico como exigiam os novos tempos, o movimento no final da década de 70 mudou suas formas de mobilização, trocando as grandes manifestações de rua pela participação em organizações governamentais e não governamentais. Nessa época, a discriminação feminina passou a interessar organismos internacionais e governos de vários países. As Nações Unidas, em 1979, aprovaram a “Convenção sobre a eliminação de toda forma de discriminação contra a mulher” que, desde 1981, conta com um comitê coordenado pela ONU, encarregado de informar, anualmente, a situação da mulher e que medidas estão sendo tomadas para combater as desigualdades. Nesse momento também se consolidaram, nas universidades de vários países, núcleos de estudos da mulher. Então nesse contexto de junção do movimento feminista com a academia, surgiu, na década de 1970, o conceito de gênero, que leva à construção social e cultural das diferenças entre mulheres e homens.

Os estudos de gênero preocupam-se com a idéia de que o masculino e o feminino não são fatos biológicos, são construções sócio-culturais. Ou seja, “os sistemas de gênero são os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais, que as sociedades elaboram, a partir da diferença sexual anatômico-fisiológico e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução da espécie humana e, em geral, ao relacionamento entre as pessoas” (DE BARBIERI apud GUIMARÃES, 1992, p. 114).

Como o gênero enfatiza os aspectos sociais construídos sobre as características biológicas, dá-se, então, importância ao campo social, já que os gêneros se constroem nas relações sociais.

Segundo Jane Flax, adotar uma análise que leve em conta as relações de gênero,



[...] é tentar perceber como nós os pensamos e também as pensamos. Faz-se necessário um distanciamento crítico, através do qual se possa romper com a idéia de que o estudo das relações de gênero se dá apenas pela análise da situação da mulher e da dominação masculina. [...] Estudar as relações de gênero é abrir os olhos não somente ao gênero enquanto uma construção que permite avaliar e entender histórias e mudanças sociais particulares, mas também entendê-lo como uma relação social que está imbricada em outras e as constitui (FLAX, 1991 apud MACHADO, 1998, p. 218-230).

Como se vê, para a compreensão da situação das mulheres na sociedade como um todo é importante analisar as relações de gênero através de uma abordagem que permita a articulação com outras categorias, entre elas as de classe e raça.

Ajustando outra vez o foco sobre o contexto Teresiano apresenta-se agora Jean Franco, norte-americana que investiga as relações de gênero em sua obra *Las Conspiradoras* e auxilia na pintura do que seria a sociedade espanhola nos tempo de Teresa de Jesus. Segundo essa autora, a Espanha que tinha se tornado “limpa” como país católico depois da expulsão dos judeus e dos mouros, agora também, como outros países católicos, dava ao sacerdote o poder de instruir, vigiar e denunciar a população. Com o objetivo de proteger os limites entre o racional e o irracional, a Igreja valia-se do púlpito, do confessionário e de certos gêneros de discurso vedados à mulher, como, por exemplo, o sermão.

Como a experiência mística não se adquiria pela erudição e era impossível captá-la no discurso, surgia o problema da interpretação. Como, então, deveria o confessor interpretar tais fenômenos?

Mesmo que a sociedade pudesse testemunhar os gemidos, os suspiros, os sinais no corpo, não conseguiria verificar a autenticidade da experiência mística. Nesse espaço, dezenas de mulheres alcançariam um poder que pareceria transcender o dos próprios confessores. Com experiência mística, essas mulheres religiosas conseguiam transpor a monotonia da vida conventual, ao mesmo tempo em que conquistavam certa superioridade na hierarquia da Igreja.

Toda essa situação resultava num problema grave para o confessor. Como classificar tal transe místico? Teria origem divina ou satânica?

Observa-se abaixo um fragmento de *Libro de la Vida* (1987, p. 164), que revela o poder de interpretação do confessor:

Em especial me aconteceu uma vez que se juntaram muito a quem eu dava crédito, e com razão, que eu não conversava somente com um, e quando ele me mandava falava com outros, uns falavam com os outros sobre meu remédio; porque gostavam muito de mim e temiam que fosse

enganada. Creio que eram cinco ou seis, todos muito servos de Deus; e disse-me meu confessor que todos concordavam que era demônio, que não comungasse tão freqüentemente e procurasse distrair-me de modo que não ficasse sozinha.

Constata-se que Teresa de Jesus preocupava muito a Igreja, pois tinha tratamento mais intensivo que as demais freiras, e o faziam de maneira tão pouco adequada que a prejudicavam, atormentando-a.

Observa-se, ainda, que a freira disse tratar com cinco ou seis religiosos, que o confessor a encaminhava a outros e que entre eles, sem a presença dela, conversavam sobre o conteúdo das confissões.

Julgaram-na possuída pelo demônio, sendo castigo não comungar muito, pois provavelmente consideravam-na indigna de tal benefício, determinando-lhe que não ficasse sozinha, ou seja, ela não seria boa companhia para ela mesma, segundo esses padres. E assim foi interpretada, atormentada e punida Teresa de Jesus nessa ocasião, bem como em muitas outras nas quais precisou mudar de função e de cidade, chegando a ser presa.

Justamente para tentar dissolver as dúvidas existentes a respeito dos êxtases vivenciados pelas freiras é que surgiu esta forma singular de escritura: testemunho, no qual, a mando de um confessor, a freira esforçava-se para descrever sentimentos e sensações.

As histórias das vidas das freiras místicas, além de representarem um testemunho de incalculável valor, também revelam um tipo singular de literatura que conseguiu reunir o material dos santos, das visões e da fantasia, até então excluído do discurso oficial.

As freiras, afastadas de suas famílias e totalmente submetidas à Igreja, refugiavam-se na imaginação e transformavam-se, pela primeira vez em suas vidas, em protagonistas de uma aventura que as conduzia diretamente a Deus. Isso fazia com que o clero, assustado, as vigiasse ostensivamente e também castigasse severamente as desobedientes.

Irigaray (apud FRANCO, 1993, p. 30) afirma que “[...] o misticismo é o único território da história em que a mulher fala e atua de modo público”.

A autobiografia de Teresa de Jesus pode ser considerada uma obra pré-feminista, na medida em que o feminismo supõe que as mulheres já participam de debates na esfera pública.

Ao entrar em contato com a história contada por Teresa de Jesus em *Libro de la Vida*, verifica-se que muitas vezes, se revelam os mecanismos de poder a que foi submetida, sendo um dos mais fortes o da confissão. Sobre isso explicita Foucault (1977, p. 61):

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa

relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente interlocutor, mas a instância que requer uma confissão, impõe-na, avalia e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independe de suas conseqüências externas, produz em quem articula modificações intrínsecas: inocenta-o resgata-o purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação.

Além de confessar-se, as freiras viam-se obrigadas a escrever toda a experiência mística e, naturalmente, resistiam, pois registrar o conteúdo das confissões por escrito implica muitos desdobramentos. A freira deixa de ser vigiada por confessores conhecidos por elas para ser observada por um número maior e geralmente formado por pessoas desconhecidas.

O examinador da Inquisição, Peña (apud FRANCO, 1993, p. 34) explicava por que as revelações das mulheres eram especialmente perigosas: “[...] pois não somente são mais débeis e suscetíveis, como úmidas, torpes e viscosas por natureza porque, devido a seu temperamento, não são só vítimas de impressões lunáticas, como também são presas das paixões de ódio, do amor, da felicidade e da tristeza”.

A feminista Irigaray (apud FRANCO, 1993, p. 34) chama *mistéricas* as mulheres que ultrapassam os limites do ser e da identidade em claro jogo de palavras: o *misticismo*, mistério do continente escuro, e o qualificativo dado pelos homens que chamam a isso de discurso histórico.

Franco (1993, p. 110) compara a mulher mística com a mulher-aranha que “[...] urde sua teia com matéria retirada de seu próprio corpo, o qual é o único recurso que resta quando as instituições oficiais fecham ou monopolizam todos os demais espaços do discurso”.

Portanto, através das manifestações extáticas, a mulher mística expressa a idéia de que a sua escrita pode ser censurada, porém suas sensações e seu corpo são ilimitados.

#### 4 A SANTA ERÓTICA

Não se pode evitar de trazer o foco da investigação para o tema da sexualidade. Convém ressaltar que o contato inaugural de Teresa de Jesus com o ambiente conventual foi na adolescência e originou-se da iniciativa de seu pai, que se encontrava preocupado com as atitudes que a filha vinha tomando depois da morte da mãe e do casamento da única irmã. As manifestações típicas da idade, como vaidade excessiva, bailes, interesse pelo sexo oposto e um

provável relacionamento com um primo deixavam o pai de Teresa de Jesus desconcertado, a ponto de obrigá-la a internar-se num convento, mesmo que ela se opusesse veementemente à idéia. Tal situação pode remeter à idéia defendida por alguns teóricos, segundo os quais o misticismo também pode ser tomado como um substituto de uma história de amor (DOMINGUEZ, 1998, p. 122)

Ao voltar sua sexualidade para o divino, a mulher mística dessa época alcança a globalidade sensorial. A mulher mística reclamou com eficiência, ao ser privada de palavra, pois inventou uma outra linguagem que dá lugar ao corpo. E a audácia feminina ganhou o direito de dizer o sexo. O interdito é depressa transgredido.

O corpo da mulher faz dela um receptáculo dócil, eleito e particular, formando as condições necessárias para que o “Espírito” a possuísse. O corpo age para garantir a validação da palavra feminina, seja ela falada ou escrita. Durante a união íntima com Deus, a linguagem incendia-se... a Noiva é toda explosão.

Observe-se a seguir como descreve Teresa de Jesus um desses momentos mais marcantes.

[...] Quis o Senhor que eu tivesse aqui algumas vezes esta visão: via um anjo perto de mim no lado esquerdo, em forma corporal, o que não costumo ver, a não ser excepcionalmente. Não era grande e sim pequeno, muito bonito, rosto iluminado. Via nas mãos dele um dardo comprido de ouro, e na ponta parecia ter um pouco de fogo. Esse dardo parecia o anjo meter-me no coração algumas vezes e me chegava as entranhas, ao retirá-lo sentia que as levava consigo, e me deixava toda incendiada pelo grande amor de Deus. Era tão grande a dor que me fazia dar aqueles gemidos, e tão excessiva suavidade que me põe tamanha dor, que não se deseja que se retire nem contenta a alma com menos que Deus. Não é dor corporal, e sim espiritual, ainda que não deixa de participar, e muito, o corpo. É uma carícia tão suave que passa entre a alma e Deus, que suplico a Sua bondade e o dê a experimentar a quem pensar que mintu.

Percebe-se que a autora fala abertamente de suas sensações suscitando imagens de espantosa carga erótica.

As palavras que saem dos lábios espontaneamente são muitas vezes obscenas e, portanto, proibidas. Entretanto, todo o ambiente criado pela mística permitia-lhe falar explicitamente da sua sexualidade. “[...] O que acontece comigo é que goza-se com intervalos” (JESUS, 1987, p. 127). “[...] mas é vô suave, é vô deleitoso, vô sem ruído”. (JESUS, 1987, p. 129).

Observa-se, nos trechos citados do *Libro de la Vida*, que Teresa de Jesus permitiu-se descrever seu prazer sexual sem ter que necessariamente cair em pecado e ter seus escritos e seu

comportamento condenados pela Igreja.

Devido à vulgarização da vida religiosa, as mulheres desempenharam papel notável e viveram o amante divino como seu esposo: “[...] Estas me disse, Sua Majestade muitas vezes, demonstrando-me grande amor: já és minha e eu sou teu [...]” (JESUS, 1987, p. 291). O antigo papel de serva de Deus vivido pela mulher foi substituído. Agora ela transformou seu amante divino em esposo, o que a elevou ao papel de esposa e não mais de serva.

No dicionário Aurélio, o êxtase é caracterizado como um forte arrebatamento, um elevamento causado por grande admiração, contemplação de coisas sobrenaturais. E, segundo Lewis (1997, p. 41), ele também pode ser manifestado através do uso do álcool ou de drogas e nas relações sexuais.

Provavelmente foi mais fácil às mulheres alcançar esse estado total de união, por permanecerem muito mais ligadas ao corpo, desde o nascimento até a morte, ao sangue, ao leite, às lágrimas.

Quem vem complementar essa abordagem sobre o êxtase é a própria Teresa de Jesus, que contribui, de forma bastante significativa, para a compreensão do fenômeno extático, pois, durante as confissões, enfatizava os êxtases, quando narrava suas experiências místicas ao confessor.

As idéias expostas por Teresa de Jesus servem como subsídios para se estudar o tema do êxtase até hoje, e, quando ela dá o testemunho de suas experiências extáticas, em seu vocabulário aparecem frequentemente palavras como “prazer”, “deleite”, “martírio saboroso”, “gozar em intervalos”, “vão suave deleitoso e sem ruído”..., ou seja, nem foi preciso inventar palavras novas para relatar prazeres tão antigos. Sobre essa questão, Foucault (1997, p. 12) assim se manifesta: “[...] se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura”.

Falar de sexo mais abertamente do que fez Teresa de Jesus no convento para confessores a serviço da Inquisição? Difícil imaginar maior ousadia para a época.

Sobre esse aspecto marcadamente transgressor de Teresa de Jesus encontra-se também importante respaldo em Georges Bataille na obra intitulada “O erotismo” (1987, p. 111) onde define tal fenômeno como “uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução. A essência do erotismo é assim a transgressão por excelência, dado que ele é resultado da atividade sexual humana enquanto prazer e, ao mesmo tempo, consciência do

interdito”.

## 5 RECURSOS PERSUASIVOS DO DISCURSO TERESIANO: ALÉM DA OBEDIÊNCIA E DA SUBMISSÃO

Pretende-se, agora, adentrar um pouco nas manifestações escritas de Teresa de Jesus, realizando uma análise, ainda que não tão profunda como a ideal, dos recursos estrategicamente selecionados pela autora, a fim de abrandar a perseguição que sofria por ser, entre outras coisas, figura feminina de destaque na Igreja Católica espanhola daquela época, fato já observado no primeira parte deste trabalho.

Um aspecto relevante na escritura em geral, e especialmente na autobiográfica, é o motivo que levou o autor ao registro escrito das memórias. No caso de Teresa de Jesus, não a saudade ou a solidão, mas por ver-se obrigada a escrever sua autobiografia para obedecer a seu confessor, que precisava de um instrumento mais adequado para julgar as experiências místicas experimentadas pela freira. Exatamente por esse motivo é que se pode questionar muito dos estudiosos da obra teresiana, quando afirmam que ela é improvisada e instantânea. A própria Teresa de Jesus (JESUS, 1987, p. 676) afirma: “Porque estamos num mundo onde é fundamental pensar o que podem pensar de nós, para que tenham efeito nossas palavras”.

Encontrou-se apoio a essa posição em Fiorin (1998, p. 74):

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatório creia no que ele diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião, etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois toma o outro detentor de um certo saber. [...] A concepção do discurso como fenômeno, ao mesmo tempo autônomo e determinado, obriga a análise a voltar-se para dentro e para fora, para o texto e para o contexto [...].

Levando em consideração tal afirmação e transferido esse conhecimento para a realidade de Teresa de Jesus, pode-se pensar que seus escritos não deveriam ser improvisadamente livres, pois, através deles, ela iria ser absolvida ou condenada pelo Tribunal da Inquisição. Uma pessoa em tal situação teria que ponderar muito e arquitetar toda uma

maneira de escrever sobre tema tão polêmico, de modo a ser inocentada.

Teresa de Jesus constrói sua escritura explorando, entre outros recursos, o emprego do diminutivo e isso dá ao texto um matiz de leveza, delicadeza e afetividade. Entretanto, a intenção da autora pode ter ultrapassado essa primeira impressão.

Não se pode esquecer que Teresa de Jesus precisava, veementemente, demonstrar inferioridade. Seguem trechos do *Libro de la Vida* (JESUS, 1987, p. 4), nos quais a autora se desvaloriza. A primeira frase de seu livro já demonstra tal idéia: “Ter pais virtuosos e temerosos a Deus e mais os favores de Deus já me bastaria para ser boa, se eu não fosse tão ruim”.

A autora ainda destaca no capítulo 2 (1987, p. 10), “Porque não me parece fazer três meses que andava nestas vaidades, quando me levaram ao convento que havia neste lugar, onde se educavam pessoas semelhantes, ainda que não tão ruins em costumes como eu”.

Ao analisar esses fragmentos, fica claro o desejo de Teresa de Jesus em expressar a idéia de que ela era um ser insignificante a quem não se deveria dar muita importância, porque sua vida e suas atitudes eram vulgares, comuns. Essa forma de procedimento, citada anteriormente neste trabalho, consiste em demonstrar inferioridade. E, talvez, esse recurso tenha sido um dos mais relevantes para que esta obra continue sendo editada até hoje, isto é, se Teresa de Jesus não tivesse simulado inferioridade, possivelmente seus confessores já teriam queimado seus escritos naquela época, pois poderiam servir para assinalar que Teresa de Jesus representava um perigo maior do que se supunha a princípio. Parece que a freira reconhecia o valor dessa estratégia discursiva que, aos poucos, conquistava os opositores. Assim, admitindo extrema humildade, conseguia neutralizar qualquer ação que representasse arrogância.

Com esse objetivo, o diminutivo pode muito bem ter sido empregado para respaldar essa idéia, já que uma “mulherzinha” só pode ter “bobagenzinhas” para dizer, e isso não revela nenhum perigo. É provável que essa maneira popular de escrever também se deva a que, naquela Espanha especialmente machista, não seria conveniente uma mulher expressar-se de maneira culta, principalmente quando almejava ser absolvida pela igreja, esta um reduto do poder masculino.

Desdobrando o questionamento que se levanta contra a opinião de estudiosos dos livros de Teresa de Jesus, que louvam a pureza e a ingenuidade de sua escritura, tem-se, na obra *Linguagem e persuasão*, de Citelli (2000, p. 6), um importante apoio teórico. Ele afirma que o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo. Também gradua esta capacidade persuasiva do texto, que pode estar mais ou menos visível, entretanto presente.

Seguindo ainda a linha reflexiva de Citelli, que afirma ser o discurso religioso explicitamente persuasivo porque a voz de Deus permeia todas as vozes, observa-se que fica explícito tal ingrediente no discurso teresiano, visto que este é construído como verdade, não sua, mas do outro, ou seja, Deus, aquele que comanda todas as coisas.

Em várias passagens do *Libro de la Vida*, Teresa de Jesus nega a autoria de sua escritura. O trecho seguinte (p. 58) diz ser muito mais fácil escrever quando o “espírito” do senhor lhe vem: “E assim me parece é grandíssima vantagem, quando o escrevo estar nele. Porque vejo claro que não sou eu quem diz, nem que o ordeno com o entendimento, nem sei depois como acertei dizer. Isto me acontece muitas vezes”.

Ao deixar de assumir a autoria para atribuí-la a Deus, quem ousaria discordar? Nem os terríveis inquisidores, pois, ao lerem os escritos de Teresa, absolveram-na.

Outra característica da linguagem persuasiva, segundo Citelli (2000, p. 10), facilmente verificada na obra analisada, é a utilização da função emotiva que objetiva convencer, fazer acreditar, ter fé; a questão da salvação é problema de cada um, o Senhor é exemplo a ser seguido. “Oh, Meu Deus! Quem tivesse entendimento, letras e novas palavras para valorizar vossas obras como entende minha alma! Faltam-me tudo, meu Senhor; mas se Vós não me desamparais, não faltarei eu a Vós”.

A obra estudada, com respeito ao seu discurso religioso, vem ainda apoiada em outro alicerce. Eco (apud CITELLI, 2000, p. 52) chama de sintagma cristalizado o recurso que evoca a força dos chavões. Na leitura da obra não se tem a menor dificuldade em encontrá-los: “¡Oh, Senhor da minha alma!; Oh, Senhor da minha alma e meu bem!; Oh, meu Senhor!”.

Teresa de Jesus evita parecer especialista em qualquer assunto espiritual. Acredita-se, por isso, que, quando em sua doutrina surja algum conceito mais abstrato, porque sua obra também pretende ser didática, ela utilizava como procedimentos básicos imagens, alegorias, metáforas que denomina comparações, funcionando como imagens ilustrativas de fácil entendimento. As imagens são tomadas da natureza, da sociedade e da bíblia. Alguns exemplos estão na maneira de regar um jardim, comparado-a aos graus de oração; também cita o fogo do amor de Deus, e o passarinho que aprende a voar. A escritora parece empregar essas imagens, que não são inéditas, em um estilo especial, na tentativa de dar maior precisão ao sobrenatural. Tais comparações são usadas com tanta propriedade que garantem o efeito de vivificar o sentido do que ela pretendeu dizer e, além disso, servem para dar um valor sinestésico à escritura.

Os elementos citados dão suportes para que se raciocine na direção das relações existentes entre o discurso literário da obra autobiográfica analisada e o quanto ele tem de



persuasivo, não sendo, como parece, uma linguagem ingenuamente improvisada. Nem poderia ser, conforme já foi visto, e não é de se estranhar que Teresa de Jesus tenha desejado, precisado e conseguido ser persuasiva.

“E o passado, por mais remoto que seja, está bem mais perto de nós do que o futuro mais próximo” (AZEVEDO, 1924 apud GUIMARÃES, 2002, p. 12). Na cadeia contínua do tempo, os elos do passado estão muito mais intensamente ligados aos elos do presente do que se previa no início trabalho. Embora esses elos também insinuem futuro, conforme a direção dos encaminhamentos presentes, é no passado, não importa quão distante esteja, que muitas vezes se vai encontrar a compreensão de um problema atual.

Quando um enunciado é elaborado, o papel do outro, do leitor, nessa situação, é bastante relevante como o verificado no caso de Teresa de Jesus, pois, ao descrever sua vida a seus confessores, eles tinham papel fundamental, porque a interpretação dos escritos levaria a inúmeros desdobramentos, muitos imprevisíveis e alguns não tanto, um poderia ser o caminho da fogueira da Inquisição, por exemplo. Significa que, ao elaborar o texto, procura seu autor dirigi-lo a alguém e, de alguma maneira, espera-se uma resposta que, provavelmente, desencadeará outra reação discursiva. Daí o caráter inacabado de um estudo deste tipo.

Procurou-se, partindo da análise do *Libro de la Vida*, focalizar a figura principal deste enredo, Teresa de Jesus, e, através dela, desvelar o cotidiano das mulheres da época a que ela pertenceu. E a autobiografia em questão desencadeou o estudo da vida de inúmeras mulheres que existiram fora da época e do espaço de Teresa de Jesus e aparecem, neste trabalho, algumas anônimas e indiretamente. São histórias de mulheres que pensaram, se adaptaram, resistiram, choraram, se anularam, se suicidaram, foram mortas, fizeram passeatas e greves de fome, na luta contra os lugares sociais que lhes foram atribuídos.

Mais vital que tomar conhecimento das discriminações pelas quais passaram através dos tempos é refletir sobre os processos que produzem essas situações de desqualificação, pois se trata de mecanismos que impossibilitam as mulheres de ontem e de hoje de conseguirem um lugar estável nas formas de organização da sociedade e por modos reconhecidos de pertencimento social. Tal enfoque necessariamente faz com que se analise a interdependência de posições entre os que estão no processo de exclusão: os do centro, os que estão nas fronteiras e os que já estão excluídos. É do centro que parte a onda que permeia a sociedade e é para onde retorna mais cedo ou mais tarde.

Na austeridade e solidão de sua cela conventual, Teresa de Jesus deve ter se perguntado por onde começar, como terminar, que acontecimentos contar, ou esse exemplo talvez fosse

melhor ser deixado de fora.

Ao percorrer a obra de Teresa de Jesus percebeu-se o poder que é dado ao leitor de adonar-se da vida de outra(s) pessoa(s), e, com isso, transportar-se a outros tempos. Ao abrir e fechar narrativas com o falar autobiográfico, a autora vai mesclando fragmentos de sua vida, como o cotidiano conventual, entremeados pela sucessão de fatos acomodados pelos contextos, impregnados de valor histórico.

“[...] com isso me davam tanta e mais liberdade que às mais antigas. E tinham grande confiança em mim, que eu não tomaria liberdade, nem faria coisa sem licença - digo por buracos ou paredes ou de noite [...]” (JESUS, 1987, p. 34).

“[...] e assim se revela grandíssimo (o perigo) do convento de mulheres com liberdade, e que mais me parece um caminho ao inferno para os que quiserem ser ruins, que remédio para suas fraquezas” (JESUS, 1987, p. 35).

Nos dois recortes com facilidade encontram-se aspectos da vida conventual da Ordem Carmelita, a que Teresa pertencia, ambos mencionam a desobediência à condição de isolamento estabelecida pela Ordem. Cita as comunicações que se faziam no convento por cima dos muros, através de buracos nas paredes e aproveitando a escuridão da noite.

No segundo trecho, Teresa alerta para os perigos que representavam os conventos abertos, permitindo visitas de pessoas de fora e também a convivência de duas ou mais freiras na mesma cela.

Sua narrativa alude aos fatos que revelam a decadência moral pela qual passa a Igreja na época; as condenações das freiras que praticavam a oração mental como Teresa, isto é, tinham contato direto com o divino, sem necessitar de intermediários; a total submissão aos confessores, os castigos físicos até a prisão num espaço que os conventos tinham disponíveis para esses casos.

A engrenagem narrativa de Teresa de Jesus é esboçada através do enfoque de sua coerência lógica, travando um diálogo com os fatos.

O ponto de partida desta análise, é uma história de vida e, que, ao ser representada através de uma voz, ou várias vozes, passa a ser literatura. E o que é, afinal, verdade ou fabulação no contar uma história de vida? A verdade aqui, também e principalmente, é de quem a contar: Teresa de Jesus.

Criatividade, sensibilidade e imaginação tornaram-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade perdurados por tão longo tempo quanto ao passado feminino. Está-se, assim, preparado para fazer frente àqueles que, na Academia, ainda,

não reconhecem as mulheres como parceiras plenas; tentando relegá-las a posições periféricas face ao caráter secundário das preocupações femininas. Está-se, enfim, em condição de responder às inquietações de Virgínia Woolf (1927, p. 47) quanto à construção de uma história “menos bizarra, irreal e desequilibrada, na qual as mulheres estejam presentes, sem qualquer inconveniência”. Mulheres, literatura e história interpenetram-se num movimento rico, assinalado por trocas recíprocas, com a esperança de uma utopia futura.

E, retomando o questionamento lançado na introdução deste estudo: Como a partir de um gênero literário, historicamente considerado secundário, a autobiografia, pôde a espanhola de Ávila, Teresa de Jesus, sujeito feminina do século XVI transgredir a asfixia imposta pelo confinamento histórico a que estava submetida, encerrada no mundo fechado do convento?

Teresa de Jesus, na autobiografia *Libro de la Vida*, rompeu o silêncio entre os mundos: o interior, o dela própria, e o exterior, o dos outros, que a rodeavam, publicizando o privado.

Recorre-se à metáfora mulher-aranha por julgar que ela apresenta esse jogo duplo, de face aparente e face oculta, o que de fato permeia a trajetória da vida e da obra de Teresa de Jesus. Indubitavelmente, eis uma autora duplamente mulher-aranha. Primeiro por seus êxtases, forma pela qual conseguiu, com recursos unicamente seus, transpor os limites rígidos impostos à mulher de sua época e espaço. As manifestações extáticas durante seus transes místicos representavam uma ruptura que permitia à freira ultrapassar as paredes do convento e viver experiências muito mais estimulantes, além de tornar-se uma pessoa em evidência no meio religioso e também fora dele. Segundo, porque, rompendo os limites físicos e psíquicos de seu silenciamento através de suas manifestações místicas, a mulher-aranha, uma vez mais, consegue tecer uma maneira de transgredir os valores da época, agora mais madura, através de sua autobiografia. Na tecitura de seu texto, alcançou dizer muito mais do que lhe obrigava a Igreja Católica e muito mais do que era permitido a uma mulher dizer na sua época. Ao tecer seu discurso, Teresa de Jesus, através de estratégias dosadas com muita maestria, furou o cerco que se fechava ao seu redor, de forma cada vez mais ameaçadora. Disse o que lhe obrigavam, mas, sobretudo, o que queria dizer.

Convém destacar, neste momento, a seguinte contribuição:

A expressão artística na qual o sujeito tensiona ao máximo a sua individualidade para compreender a realidade, a si mesmo e ao outro, configura-se como a mais contundente possibilidade biográfica. A manifestação artística vulcânica e dilacerada, como no caso de Van Gogh e Frida Kahlo, a literatura confessional de Miller e o cinema de Glauber Rocha oferecem transbiografias, com pistas da vida, que desnudam as ilusões e recriam personagens paradigmáticos, para compreender a vida e a história. Ao viverem, homens e mulheres deixam para trás emocionantes indícios e engenhosas armadilhas para serem decifradas e

desarmadas no presente e no futuro (CHAIA et al., 1996, p. 80).

As idéias lançadas por Chaia incitam inúmeras reflexões, uma delas é a imagem do movimento espiral da história, ou seja, tal signo: a forma espiral, representa as permanentes tentativas, presentes e futuras, de desarmar “as engenhosas armadilhas” deixadas para trás.

Ao lançar-se ao encontro desses emocionantes indícios mais do que olhar de uma maneira diferente a história está se tentando significar Teresa de Jesus, uma mulher à frente de seu tempo e que, ao escrever sua história, acabou dando voz a todos nós.

## **LIBRO DE LA VIDA DE TERESA DE JESUS: LA AUTOBIOGRAFIA FEMININA EM LOS CÁNONES LITERÁRIOS**

### **RESUMEN**

Este trabajo estudia la autobiografía de Teresa de Jesús, *Libro de la Vida*, fundada principalmente em las teorías de género, en la historia y en la literatura. El objetivo de este trabajo es señalar la posición de la autobiografía femenina en los cánones literarios además de registrar la importancia de este tipo de producción como una de las formas de las mujeres establecieron su incorporación a la literatura y a la historia sin que necesitasen abalar la llamada “alta literatura”, producida por hombres, una vez que se ubican al margen de los cánones oficiales. *Libro de la Vida* surgió desde la necesidad de la Iglesia Católica controlar los éxtasis místicos experimentados por Teresa de Jesús, ya que solo la confesión hablada no bastaba para tranquilizar sus confesores. La obra trata, entonces, del relato de la historia de vida de Teresa de Jesús, con énfasis en los detalles descriptivos de sus viajes místicos y en la enseñanza espiritual innovadora que ella defiende, como por ejemplo, la oración mental.

**Palabras-clave:** Autobiografía. Género. Historia. Mujer. Literatura. Teresa de Jesús.

### **NOTAS**

Docente dos Cursos de Letras e Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL  
E-mail: dulce.espindola@unisul.br

<sup>2</sup> Libro de la Vida. Madrid: Editorial Espiritualidad, 1987. [tradução da autora]

### **REFERÊNCIAS**

- BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L & PM, 1987.
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHAIA, M. et al. *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996.
- DOMÍNGUEZ, N.; PERRILLE, C. (Org.). *Fábulas del género: sexo y escrituras em América Latina*. Argentina: Beatriz Viterbo, 1998.
- DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no ocidente: do renascimento à idade moderna*. V. 3. Edições Afrontamento, 1991.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCO, J. *Marcar diferenciais, cruzar fronteras – ensayos – Editorial Cuarto Próprio*.  
\_\_\_\_\_. *Las conspiradoras – la representación de le mujer em México*. México: El Colégio de México y Fondo de Cultura Económica, 1993.
- GUIMARÃES, M. de F. *Gênero e história*. Caderno de História do Departamento de História da UFPE. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JESÚS, T. *Libro de la Vida. Madrid*. Editorial Espiritualidad, 1987.
- LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Seuil, 1996.
- LEWIS, I. M. *O êxtase religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.41
- MACHADO, L. Z. *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero, masculinidades*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). *Refúgios do eu: história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Insular, 1999
- REYNAUD, E. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*. São Paulo: Record, 2001.
- ROLDAN, J. M. *História de España*. Madrid: EDELSA, 1989.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1996.
- WOOLF, V. *Rumo ao farol*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. 223 p.